

O HINO À CARIDADE: A MAGNA CARTA DE TODO O SERVIÇO ECLESIAL

É oportuno recordar o ensinamento e o testemunho de São Paulo sobre a Caridade, por ele apresentada, no seu mais belo Hino, como um caminho que ultrapassa tudo...

Aliás, em todo o Novo Testamento, a caridade apresenta-se não apenas como a “plenitude da Lei”, mas como prioridade absoluta na vida de cada cristão e da Igreja, enquanto comunidade de amor. Deduz-se claramente daí, como da atividade de São Paulo e dos seus escritos, **a caridade, como prioridade existencial e pastoral.**

Perante as exigências da caridade, não apenas se relativizam as diferenças humanas, como se geram todas as atitudes que identificam o modo cristão de viver.

“Com efeito, em Cristo Jesus, não têm valor nem a circuncisão, nem a incircuncisão, mas apenas a fé, operante na caridade” (Gal. 5,6). E acrescenta a seguir: *“O fruto do Espírito é a caridade, a alegria, a paz, a paciência, a bondade, a benevolência, a fé, a mansidão e o domínio de si. Contra estas coisas não existe lei”* (Gal. 5,22).

Mas a caridade, de que São Paulo nos fala e testemunha, preside a toda a ação pastoral da Igreja como comunidade de amor. Bento XVI, na sua primeira Encíclica, afirma:

“A natureza íntima da Igreja exprime-se num tríptico dever: anúncio da Palavra de Deus (kerygma-martyria), celebração dos Sacramentos (leiturgia), serviço da caridade (diakonia). São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros. Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de atividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência”^[DCE 25].

Peçamos a São Paulo que nos ensine, sobretudo através do seu belíssimo Hino à Caridade, esse caminho, que ultrapassa tudo, lendo-o e meditando-o, para agir, em consequência, pois este Hino constitui, no dizer de Bento XVI, a *Magna Carta de todo o serviço eclesial*^[DCE 34]. É nessa perspectiva que o queremos meditar. É interessante também a leitura deste Hino (I Cor 13, 4-7) em perspectiva “conjugal” e “familiar”, tal como o Papa Francisco o faz na sua Exortação Apostólica *“Amoris Laetitia* (cap. IV, números 89 a 119).

O HINO À CARIDADE

A Magna Carta de todo o serviço eclesial

I Cor. 13

¹Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos,
se não tiver amor, sou como um bronze que soa
ou um címbalo que retine.

²Ainda que eu tenha o dom da profecia
e conheça todos os mistérios e toda a ciência,
ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas,
se não tiver amor, nada sou.

³Ainda que eu distribua todos os meus bens
e entregue o meu corpo para ser queimado,
se não tiver amor, de nada me aproveita.

⁴O amor é paciente,
o amor é prestável,
não é invejoso,
não é arrogante nem orgulhoso,
⁵nada faz de inconveniente,
não procura o seu próprio interesse,
não se irrita nem guarda ressentimento.

⁶Não se alegra com a injustiça,
mas rejubila com a verdade.

⁷Tudo desculpa, tudo crê,
tudo espera, tudo suporta.

⁸O amor jamais passará.
As profecias terão o seu fim,
o dom das línguas terminará
e a ciência vai ser inútil

⁹Pois o nosso conhecimento é imperfeito
e também imperfeita é a nossa profecia.

¹⁰Mas, quando vier o que é perfeito,
o que é imperfeito desaparecerá.

¹¹Quando eu era criança,
falava como criança,
pensava como criança,
raciocinava como criança.

Mas, quando me tornei homem,
deixei o que era próprio de criança.

¹²Agora, vemos como num espelho,
de maneira confusa;
depois, veremos face a face.
Agora, conheço de modo imperfeito;
depois, conhecerei como sou conhecido.

¹³Agora permanecem estas três coisas:
a fé, a esperança e o amor;
mas a maior de todas é o amor.

1. I Cor. 13: O Hino à Caridade

Este hino, na sua beleza literária, no ritmo, no equilíbrio das frases, no seu lirismo, posto inteiramente ao serviço do amor cristão, é talvez, do ponto de vista literário, a mais bela página do Apóstolo Paulo. Diria até que é o “*cântico dos cânticos*” do amor cristão!

Contexto

Situado entre um discurso sobre os carismas (I Cor.12) e a menção de algumas normas para o correto desenvolvimento da Palavra (I Cor.14), o Hino à Caridade (I Cor.13) mostra como o Apóstolo quer reconduzir os cristãos de Corinto à essência da vida cristã e situá-los no caminho da autêntica busca de Deus. Paulo convida os coríntios a ambicionar (*ζηλουτε*) os carismas mais altos (I Cor. 12,31).

Mas quais são para Paulo os carismas mais altos? E quais eram para os coríntios? Como resposta Paulo exalta a caridade, que não qualifica de carisma, mas de «caminho». A caridade é um caminho superior aos demais: «*Vou mostrar-vos um caminho (ὁδόν), que ultrapassa tudo*» (I Cor.12,31), um meio de perfeição, muito superior e insubstituível: o amor (literalmente, "a *agápe*" - no grego, é uma palavra feminina), que é "a plenitude da lei" (**Rom.13,8-10** nota), "o vínculo da perfeição" (**Col. 3,14**).

Na descrição que faz do amor, São Paulo visa sobretudo o amor do próximo, que é, ao mesmo tempo, o reflexo do amor com que Deus nos ama.

O contexto imediato do Hino mostra com toda a clareza que Paulo está a falar do ágape intra-elesial, daquele “*amor do próximo, radicado no amor de Deus, que é um dever, em primeiro lugar, para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira*” [DCE 20]. Isto mesmo o sugerem os verbos que descrevem a caridade, na estrofe central. O que não impede, naturalmente, que este hino se possa também utilizar noutros sentidos e horizontes da caridade.

Estrutura: O Hino à caridade divide-se em três estrofes:

Primeira estrofe (13,1-3) – superioridade do amor

¹Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos,
se não tiver amor, sou como um bronze que soa
ou um címbalo que retine.

²Ainda que eu tenha o dom da profecia
e conheça todos os mistérios e toda a ciência,
ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas,
se não tiver amor, nada sou.

³Ainda que eu distribua todos os meus bens
e entregue o meu corpo para ser queimado,

se não tiver amor, de nada me aproveita.

Na primeira estrofe, encontramos três antíteses, em crescendo, e na primeira pessoa do singular (*eu*): pretende-se apresentar aqui o valor único e insubstituível da caridade.

Paulo enumera aquilo que alguém **pode ser, pode ter e pode fazer**, completamente “em vão”.

Alude a três tipos de cristãos:

- a) o que tem o dom das línguas, mas não comunica nada;
- b) aquele que conhece, profetiza e faz milagres, mas não é nada;
- c) aquele que é pura generosidade e não serve para nada.

A todos lhes falta «algo» de essencial: a caridade.

Por três vezes, São Paulo diz: «*se não tenho caridade*» (αγαπην δε μη έχω). Não há exceções. A ausência de caridade invalida qualquer ação, por mais extraordinária que seja. Sem a caridade fica a forma, mas perde-se a substância.

Mas o segundo exemplo é ainda mais chocante; «*não sou nada*». Sem a caridade, não se é ninguém, não se existe.

Está dito com toda a clareza: A falta de caridade *esvazia não apenas as nossas ações mas também a nossa própria existência*.

A caridade é então aquilo que realmente nos faz ser. Sem a caridade, a nossa vida não passa de uma fantasia. Só quando amo, alcanço a verdade da minha vocação, da minha existência. E só quando amo, os outros adquirem existência e consistência, para mim.

Veja-se como toda a estrofe está formulada na primeira pessoa do singular!... denunciando implicitamente o egocentrismo, de quem apenas procura a sua própria glória...

Diz o Papa Bento XVI:

“No seu hino à caridade (cf. 1 Cor 13), São Paulo ensina-nos que a **caridade é sempre algo mais do que mera atividade**: «Ainda que distribua todos os meus bens em esmolas e entregue o meu corpo a fim de ser queimado, se não tiver caridade, de nada me aproveita» (v. 3) (...) A ação prática resulta insuficiente se não for palpável nela o amor pelo homem, um amor que se nutre do encontro com Cristo. A íntima participação pessoal nas necessidades e no sofrimento do outro torna-se assim um dar-se-lhe a mim mesmo: para que o dom não humilhe o outro, devo não apenas dar-lhe qualquer coisa minha, mas dar-me a mim mesmo, devo estar presente no dom como pessoa [DCE 34].

Notas: 13,1-3.

Para celebrar o amor, compara-o a alguns carismas: dom das línguas, profecia, sabedoria, fé que transporte montanhas (v.2; **12,8-11** nota; **Mt 17,20; 21,21; Mc 11,20-26** nota.23), assistência ao próximo.

As línguas dos homens e dos anjos, hipérbole para incluir as línguas possíveis, prevendo, assim, a hipótese de alguém que possuísse o dom de falar em línguas, mesmo celestes (**12,8-11** nota; **14,1-5.13-14** notas).

O v.3, além de considerar a distribuição dos bens pelos pobres, faz alusão aos casos de morte pelo fogo, referidos, na literatura judaica e pagã, como exemplos de grande coragem ou de fidelidade.

Segunda estrofe: os rasgos característicos da caridade (13,4-7)

A segunda estrofe descreve as características da caridade, características admiráveis mesmo se quotidianas.

Depois de ter exaltado o amor, Paulo vai agora descrevê-lo por meio de **quinze verbos, sem nenhum adjetivo**, o que sugere o seu carácter dinâmico. No original grego, todos os verbos são ativos, porque a **caridade existe na medida em que se pratica**.

Chama-nos a atenção, na leitura deste elogio, que o substantivo feminino *ágape* apareça sempre na forma absoluta, sem nenhuma especificação gramatical, nem com adjectivos ou complementos. Noutros lugares das suas Cartas, Paulo exprime-se de maneira distinta.

Aqui, pelo contrário, *ágape* é erigida como uma espécie de grandeza única e autónoma e, além do mais, personificada. Aqui o sujeito é a caridade, como se de uma pessoa se tratasse.

Enumeram-se, uma após outra, aparentemente sem uma ordem concreta, as suas qualidades. Há uma sequência de duas notas positivas, oito negativas e cinco positivas.

+ 2 notas positivas

⁴O amor é paciente,
o amor é prestável,

+ 8 notas negativas

não é invejoso,
não é arrogante nem orgulhoso,
⁵nada faz de inconveniente,
não procura o seu próprio interesse,
não se irrita nem guarda ressentimento.
⁶Não se alegra com a injustiça,

+ 5 notas positivas

mas rejubila com a verdade.
⁷Tudo desculpa, tudo crê,
tudo espera, tudo suporta.

a) o que faz a caridade (duas notas positivas): paciente e prestável

A caridade é paciente, magnânima, capaz de aguentar as injúrias e de as não devolver. É um rasgo típico de Deus, lento para ira, que adia o castigo, para dar tempo à conversão dos pecadores (Sal.102,8; Rom.2,4;9,22). “O amor possui sempre um sentido de profunda compaixão, que leva a aceitar o outro como parte deste mundo, mesmo quando age de modo diferente daquilo que eu desejaria” (AL 92).

A caridade é prestável: o termo grego sugere a ideia de senhorio, benevolência, afabilidade. É a atitude de quem ajuda com um sorriso, com tacto e discrição. Paulo recorda-nos que a caridade também se manifesta no trato exterior. A caridade é bondosa nas ações. o amor beneficia e promove os outros. Por isso, traduz-se como «prestável».

“No conjunto do texto, vê-se que Paulo quer insistir que o amor não é apenas um sentimento, mas deve ser entendido no sentido que o verbo «amar» tem em hebraico: «fazer o bem». Como dizia Santo Inácio de Loyola, «o amor deve ser colocado mais nas obras do que nas palavras». Assim poderá mostrar toda a sua fecundidade, permitindo-nos experimentar a felicidade de dar, a nobreza e grandeza de doar-se superabundantemente, sem calcular nem reclamar pagamento, mas apenas pelo prazer de dar e servir” (AL 94).

b) O que não faz a caridade (oito notas negativas)

A caridade não é invejosa: exclui qualquer tipo de ciúme; a inveja divide, ao passo que a caridade faz comunhão. O verdadeiro amor aprecia os sucessos alheios, não os sente como uma ameaça, libertando-se do sabor amargo da inveja.

A caridade não é arrogante, não é presunçosa, isto é, não se ostenta, tem a noção da medida justa, da proporção das coisas. Não tem de si própria um conceito elevado! Não presume.

A caridade não é orgulhosa: não faz sentir o peso dos seus gestos e do seu prestígio; põe-se ao nível dos outros. Não se engrandece diante dos outros.

A caridade não faz nada de inconveniente; a caridade não é grosseira. O verbo empregado alude à falta de tacto, de quem, com o seu comportamento, fere o próximo; é sensível e tem em conta a fragilidade do próximo. Ser amável faz parte das exigências do amor.

A caridade não procura o seu próprio interesse ou não procura o que é seu: esta é a cúpula desta descrição. Valoriza a gratuidade e o desinteresse.

A caridade não se irrita; não se deixa levar pela ira ou pela cólera; não é ácida. O amor não perde o controle de si. Se tivermos de lutar contra um mal, façamo-lo; mas sempre digamos «não» à violência interior.

A caridade não guarda ressentimento: a caridade tem um coração cândido e simples: não pensa no mal, quer dizer, não julga o mal cometido pelo próximo e não tem em conta o mal recebido;

A caridade não se alegra com a injustiça, não desfruta com a injustiça, antes sofre por amor da justiça; “a capacidade de aceitar o sofrimento por amor do bem, da verdade e da justiça é também constitutiva da grandeza da humanidade” [Spe Salvi, 38]

b) O que faz a caridade (cinco notas positivas)

mas alegra-se com a verdade: alegra-se com a verdade, venha donde vier; é o contrário do espírito sectário; “a verdade e a justiça estão acima da minha comodidade e incolumidade física” [Spe Salvi, 38]

A caridade tudo desculpa: não dá publicidade ao mal dos outros, mas desculpa-o com o seu silêncio e a sua discrição;

A caridade tudo crê: tende a confiar no próximo, dá crédito, fia à priori;

A caridade tudo espera: ainda que não se possa negar o mal, a caridade não desespera; aguarda o bem e o arrependimento;

A caridade tudo tolera, inclusive, quando todas as suas esperanças ficam desmentidas, a caridade não se lamenta com a ingratidão, a frialdade alheia, mas suporta-as.

Relendo esta segunda estrofe, vemos como entra em cena um quarto personagem: **a caridade**. Ou melhor, a própria caridade personificada, que é o sujeito de todos os verbos. Para esboçar o perfil da caridade (ou do homem animado pela caridade) **Paulo só emprega verbos, não adjetivos**. Está a falar da **caridade em ação**, não em si mesma. Não lhe interessa a essência da caridade, mas as suas manifestações, que dão testemunho da sua presença e desenham o seu rosto.

Todos eles são **verbos ativos**, ainda que não se preocupem de precisar *que* fazer ou a *quem*, senão «como» situar-se frente ao outro. Trata-se em todos os casos, de verbos que exprimem relação. Mas não uma relação com Deus, mas com o próximo. Paulo está a falar do amor ao próximo, não do amor de Deus. Mas quem é o próximo? São os membros da comunidade com as suas diferenças e seus limites? Paulo não se preocupa por precisar a figura do próximo. Só lhe interessa como há-de comportar-se o verdadeiro cristão.

Daqui se depreende que **a caridade não se identifica com as ações que a pessoa realiza, mas que é algo anterior a elas, que as suscita e as acompanha. A caridade parece definir mais a pessoa que atua, do que a ação que realiza.**

A contraposição não podia ser mais clara entre a primeira e a segunda estrofe (ou melhor entre os três personagens e o quarto). Mas não se trata apenas de um enfrentamento entre o excepcional e o quotidiano, entre o clamor e a simplicidade e menos ainda entre o dito e o feito. É uma contraposição mais profunda, mais radical: trata-se da oposição entre **atuar, ter e dar**, por um lado, e um **modo de se relacionar**, por outro.

A terceira estrofe: A superioridade da caridade (8-13)

Agora São Paulo procura mostrar a superioridade da caridade: os demais carismas estão vinculados ao desenvolvimento terrestre da existência cristã; pertencem, por assim dizer, ao tempo da infância, portanto estão destinados a desaparecer quando chegar o momento da maturidade: a caridade, pelo contrário, antecipa já, a maturidade e permanece na eternidade.

⁸O amor jamais passará.

As profecias terão o seu fim,

o dom das línguas terminará
e a ciência vai ser inútil
⁹Pois o nosso conhecimento é imperfeito
e também imperfeita é a nossa profecia.
¹⁰Mas, quando vier o que é perfeito,
o que é imperfeito desaparecerá.
¹¹Quando eu era criança,
falava como criança,
pensava como criança,
raciocinava como criança.
Mas, quando me tornei homem,
deixei o que era próprio de criança.
¹²Agora, vemos como num espelho,
de maneira confusa;
depois, veremos face a face.
Agora, conheço de modo imperfeito;
depois, conhecerei como sou conhecido.

¹³Agora permanecem estas três coisas:
a fé, a esperança e o amor;
mas a maior de todas é o amor.

A terceira estrofe põe em evidência outras oposições: *entre aquilo que passa e o que não passa*, entre o cristão infantil e o cristão adulto, entre um encontro confuso e um encontro com Deus, que, de algum modo, antecipa a sua visão.

A fé e a esperança cessarão, mas a caridade não. As manifestações, de que tanto se ufanavam os coríntios, são transitórias, e conduzem a um conhecimento parcial e imperfeito de Deus. O caminho da maturidade cristã aponta para a caridade.

A intenção do Hino é clara: **mostrar a excelência da caridade**, a superioridade sobre qualquer outro caminho, a sua absoluta necessidade.

Não é por acaso que a tradição cristã junta sempre estas três virtudes: *a fé, a esperança e a caridade*. Curiosamente, duas delas não existem em Deus. Deus não tem fé. Podemos perguntar se Deus tem esperança? Em relação a nós, quando Deus se relaciona connosco, podemos admitir que Deus tem esperança, mas esperança existencial, como quem anseia por uma plenitude do ser, não podemos admitir que Deus tenha a virtude da esperança. Mas Deus é Amor!

O que ressalta das virtudes teologais, é que a **Caridade é realmente o clímax**, o ponto de atração da plenitude humana. Enquanto vivemos neste mundo, ela é algo, para onde posso caminhar e desejar, e, porventura, experimentar a partir da fé, na humildade da esperança.

A caridade é, assim, consequência e expressão da fé, na esperança da sua plenitude. Enquanto somos peregrinos neste mundo, só na fé e na esperança o nosso coração se abre à caridade, que consiste em amar como Deus ama, mas só a caridade é anúncio e antecipação da vida eterna. Quando amamos como Deus ama, tocamos a eternidade. É a conclusão do Apóstolo Paulo no conhecido hino à caridade: *“a fé, a esperança e a caridade permanecem as três, mas a maior entre elas é a caridade”* (1Cor. 13,13).

II. Outros textos significativos de Paulo

1. O primeiro, da Carta aos Romanos: *A caridade como sentido fundamental da existência cristã*

1. Rom. 13,8-10: A caridade, plenitude da lei

⁸*“Não fiqueis a dever nada a ninguém, a não ser isto: amar-vos uns aos outros. Pois quem ama o próximo cumpre plenamente a lei. ⁹De facto: Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, bem como qualquer outro mandamento, estão resumidos numa só frase: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. ¹⁰O amor não faz mal ao próximo. Assim, é no amor que está o pleno cumprimento da lei”*.

Três coisas são ditas, relativamente à caridade

1. Quem ama o próximo cumpre plenamente a lei;
2. A lei da caridade é uma recapitulação de todos os mandamentos contidos na lei;
3. A caridade é, em si mesma, a «plenitude» (pleroma) da lei; é a sua plenitude, no sentido de culminância, quer da lei, quanto à forma, quer da lei quanto ao seu conteúdo. Quanto à forma, a lei é uma norma directiva da vontade; quanto ao conteúdo a lei é um ideal de bondade ou de perfeição moral. Ora a caridade cumpre tudo isto: molda-se às directrizes da lei, dá satisfação a todas as suas exigências, dá realidade aos mais altos ideais. Numa palavra, enche e preenche e culmina todas as suas capacidades e possibilidades.

Não devemos confundir a Lei de que fala S. Paulo com aquilo que, numa época mais tardia da tradição judaica, se chamava *a Lei*, sobretudo nos dois séculos imediatamente antes de Cristo. Essa lei era o conjunto de todos os livros onde estavam nomeados todos os preceitos do povo de Israel nas diversas circunstâncias da vida, muito completados, quase ao infinito, pelas leis rabínicas que eram já, praticamente, concretizações do próprio texto da Sagrada Escritura. Sobre essa *lei rabínica*, com a complexidade que ela tomou nos últimos séculos antes de Cristo, S. Paulo, nesta mesma carta aos Romanos, diz que ela foi ocasião de pecado (Rom. 5).

O conceito de Lei aqui presente é o conceito de **mandamento**, que é a palavra que no Novo Testamento, tanto em S. Paulo como em S. João, concretiza o Decálogo. A Lei de que fala S. Paulo é constituída por grandes máximas, grandes princípios orientadores do comportamento do fiel judeu e, no caso concreto, do fiel cristão, como se pode ver nas concretizações que ele fornece, retiradas do Decálogo.

Neste enunciado – «*o amor não faz mal ao próximo, no amor está o pleno cumprimento da Lei*» – S. Paulo coloca a questão do sentido total da existência humana de inspiração cristã. Diria mesmo que está aqui a definição daquilo que é a perfeição humana a que vulgarmente chamamos santidade, percebida e captada à luz da verdade de Jesus Cristo.

Afirma-se aqui, como em todo o Novo Testamento, que esta perfeição se atinge naquele grau de amor a que podemos chamar a caridade, porque é aí que o homem definitivamente cumpre aquilo que desde o início está dito: ele foi criado à imagem de Deus.

O homem é imagem de Deus e atingirá a plenitude dessa qualidade quando, na sua vida relacional com Deus e com os outros, atingir a perfeição de comunhão na gratuidade da caridade.

“Deste modo, a Lei tornou-se nosso pedagogo até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé”. S. Paulo chama à Lei um *pedagogo* (Gal. 3,24), diz que a Lei é uma pedagogia, ou seja, um caminho sabiamente proposto para se chegar a um ponto, ponto esse que é exactamente a síntese da caridade.

Em termos de moral cristã, é importante compreender isto. Tudo aquilo que constitui a Lei – e, repito, a Lei aqui significa o sentido da máxima existencial que tanto pode ser o Decálogo como as Bem-aventuranças – é, afinal, um caminho. Não é mais do que isso. É um caminho amorosamente posto por Deus ao nosso dispor, onde somos guiados como um pai guia um filho, numa caminhada em ordem a um clímax que é aprender a amar. Se ficarmos pela pedagogia, uma pedagogia que não leva ao seu objectivo, ficamos só na Lei, e a Lei, sem ser uma pedagogia para a caridade, não leva à santidade.

Quem for capaz de cumprir a Lei, todas as leis, sem ser nessa pedagogia para o amor, para a caridade, pode ser um valente, mas não é necessariamente um santo, porque aquilo que define a santidade é o amor.

Por isso, em **Gal.5,14** São Paulo diz: “*É que toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: Ama o teu próximo como a ti mesmo*”.

2. Gal.5,6: A fé que actua pela caridade

São Paulo é claríssimo: “*Em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão valem alguma, a não ser a fé «agindo» pela caridade*” (Gal.5,6). A fé deixada a si mesma seria morta (cf. Tg.2,17). Este «agindo» aparece na voz média, o que quer dizer que a ação expressa por este verbo fica na esfera do sujeito. Neste sentido, o agape, não é um ingrediente acrescentado à fé, mas o elemento dinâmico da própria fé (*pistis*).

Todo este clímax é atingido na caridade e, por isso, S. Paulo diz que, ao ser atingida a experiência da caridade, ainda que seja numa forma inicial, está revelado e, portanto, unificado numa síntese maravilhosa, todo o sentido da pedagogia da graça de que faz parte a Lei. Aliás, Santo Agostinho, mais tarde, nas Confissões, repetirá essa ideia-chave do Apóstolo, dizendo «*ama e faz o que quiseres*»)

3. Tes.1,3: O esforço da caridade

Um último texto, que é afinal o primeiro de Paulo:

I Tes.1,3

“Recordamos a atividade da vossa fé, o esforço a vossa caridade e a firmeza da vossa esperança em Nosso Senhor Jesus Cristo»

É, pois, significativo que ao falar, pela primeira vez, da caridade (ágape: I Tes.1,3) São Paulo a apresente, ao lado da esperança e da fé, e a defina como um trabalho pesado, algo de «penoso» («kopos»). É interessante como caracteriza cada uma das virtudes teológicas: a atividade («ergon» = obra, trabalho) da fé. A firmeza («hipomonê» = perseverança e paciência, persistência) da esperança e o «esforço» («kopos» = esforço, pena) da caridade. A caridade supõe um sempre grande esforço.

Vivemos num tempo em que na música, nas canções, nos hábitos, nos costumes, há uma cultura do amor. Deve ser a palavra mais usada na boca de toda a gente e, talvez por muito usada, muito gasta. Se estivéssemos a falar do amor como ele é, espontânea e instintivamente captado pelas forças do homem histórico, que é um homem ferido na profundidade das suas capacidades de ser perfeito, e estivéssemos a dizer que esse amor é a plenitude da Lei e a expressão mesma da perfeição, estaríamos a cair num simplismo perigoso! **Atrever-me-ia mesmo a dizer que nenhuma expressão, apenas humana, mesmo generosa, do amor, toca o mistério da caridade.** Entre as duas realidades há sempre esse limite tremendo do pecado e da finitude humana, dessa mágoa marcada no coração do homem, pela sua infidelidade. Estamos diante do mistério da caridade e ela não anula a exigência pedagógica da Lei mas plenifica-a, torna-a indispensável, como a meta a atingir torna indispensável o caminho a seguir para lá chegar.

Se a caridade é duma enorme simplicidade, é também duma **exigência máxima**. Frases como as de Santo Agostinho ou de S. Paulo: «*ama e faz o que quiseres*», «*o amor é a plenitude da Lei*», «*quem ama cumpre toda a Lei*», são talvez o tipo de afirmações mais exigentes que foram feitas na literatura cristã.

A caridade é, para São Paulo, a essência da perfeição.

III. A NATUREZA SOBRENATURAL DA CARIDADE

Chamamos teologais às virtudes da fé, esperança e caridade. *Teologal* vem do grego e significa, duma forma muito simples, *que só posso viver essa experiência aprendendo-a em Deus, recebendo-a de Deus*. E, recebo-a de Deus porque Deus me torna capaz dela. Recebo-a de Deus porque Deus a partilha comigo.

Esta participação no amor de Deus não é fruto da minha capacidade humana. S. João diz isso logo no Prólogo do Evangelho: «*aqueles que nem o sangue nem a carne geraram, mas só Deus gerou*» (Jo. 1,13).

Ou seja, dito doutra maneira: ***não é uma questão de boa vontade***. Não é questão de um dia acordar bem disposto, fazer mais um pouco de esforço, porventura, maior que no dia anterior, e decidir viver da caridade.

A caridade acontece em nós no contexto de uma intimidade, de uma união, diria, de uma cumplicidade prolongada entre mim e Deus, em Nosso Senhor Jesus Cristo, por obra do seu Espírito em mim. A caridade só é possível, para mim, porque há um longo trabalho silencioso, que escapa a uma análise, que é um longo trabalho do Espírito de Deus no mais íntimo do meu coração.

A caridade não se confunde nem se reduz a uma mera filantropia. É um grau de amor em que o cristão participa do próprio amor de Jesus Cristo, fruto da união com Ele, realizada no baptismo e atuada pelo Espírito Santo, dom pascal por excelência aos que acreditaram na ressurreição de Jesus e, pelo baptismo, mergulharam no mistério da Sua morte.

O Santo Padre afirma na sua primeira Encíclica sobre o amor cristão:

“O Espírito é a força interior que harmoniza os seus corações com o coração de Cristo e os leva a amar os irmãos como Ele os amou, quando se inclinou para lavar os pés dos discípulos (cf. Jo. 13,1; 15,13) e, sobretudo, quando deu a Sua vida por todos “(cf. Jo. 13,1; 15,13).

A caridade vem de Deus, é participação no próprio amor de Jesus Cristo por nós, Ele, que sendo rico, Se fez pobre por vós, para nos enriquecer com a Sua pobreza (cf. II Cor. 8,9).

Há uma unidade inseparável entre o nosso amor a Deus e o amor dos pobres: “Se alguém vê o seu irmão em necessidade e lhe fecha o coração, como pode estar nele o amor de Deus?” (1Jo. 3,17). O Espírito é também força que transforma o coração da comunidade eclesial, para ser, no mundo, testemunha do amor do Pai, que quer fazer da humanidade uma única família, no Seu Filho”[\[DCE 19\]](#).

IV. Dimensão pessoal e comunitária da caridade

Porque se trata de um **dom do Espírito Santo**, o sujeito da caridade é tanto **a Igreja** como cada **cristão**.

Ouçamos, mais uma vez, o Santo Padre: *“o amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever, antes de mais, para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira, e isto a todos os níveis: da comunidade local, passando pela Igreja particular, até à Igreja universal na sua globalidade. A Igreja, enquanto comunidade, também deve praticar o amor”*[\[DCE 20\]](#).

1. Como expressão pessoal, a caridade é o sinal, por excelência, da fidelidade do cristão. É um fenómeno de convivência e uma dimensão de vizinhança, é uma maneira de estar com os outros. Nenhuma instituição ou estrutura da caridade organizada, cobre todas as exigências do amor fraterno. Este surpreende-nos sempre no rosto sofrido do irmão em necessidade. É nesse rosto que nós descobrimos o rosto do próprio Cristo.

2. Mas a Igreja, como comunidade e Povo do Senhor, deve praticar a caridade. É nesse âmbito que surge a necessidade da caridade organizada, sem esquecer que nenhuma organização

poderá substituir o calor do coração. Como dizia Santa Teresa de Lisieux, “o amor é o coração da Igreja”. A caridade praticada e não apenas afirmada, faz parte da verdade histórica da Igreja e é uma sua característica essencial.

O Papa Bento XVI afirma:

*“Com o passar dos anos e a progressiva difusão da Igreja, a prática da caridade confirmou-se como uma das suas **funções essenciais**, juntamente com a celebração dos Sacramentos e o anúncio da Palavra: praticar o amor para com as viúvas e os órfãos, os presos, os doentes e necessitados de qualquer género, pertence tanto à sua essência como o serviço dos Sacramentos e o anúncio do Evangelho. **A Igreja não pode descuidar o serviço da caridade, tal como não pode negligenciar os Sacramentos nem a Palavra**”^[DCE 22].*

Portanto, não pode haver programação pastoral que não coloque no centro, como foco irradiador, a prática da caridade, respondendo às exigências concretas do tempo que passa. Esse é, também, o solene ensinamento do actual Papa:

*“A Igreja é a família de Deus no mundo. Nesta família não deve haver ninguém que sofra por falta do necessário. Ao mesmo tempo, porém, a caritas-ágape estende-se para além das fronteiras da Igreja; a parábola do bom Samaritano permanece como critério de medida, impondo a universalidade do amor que se inclina para o necessitado encontrado «por acaso» (cf. Lc. 10,31), seja ele quem for. Mas, ressalvada esta universalidade do mandamento do amor, existe também uma exigência especificamente eclesial – precisamente a exigência de que, na própria Igreja enquanto família, *nenhum membro sofra por passar necessidade*. Neste sentido se pronuncia a Carta aos Gálatas: «Portanto, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas principalmente para com os irmãos na fé» (6,10)”^[DCE 25].*

E Bento XVI, na sua primeira Encíclica, afirma:

“A natureza íntima da Igreja exprime-se num tríptico dever: anúncio da Palavra de Deus (kerygma-martyria), celebração dos Sacramentos (leiturgia), serviço da caridade (diakonia). São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado

dos outros. Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de atividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à natureza, é expressão irrenunciável, da sua própria essência”[\[Deus Caritas est 25\]](#).

Daqui podemos concluir que a caridade é o programa pastoral da Igreja.

V. A caridade como expressão da presença da Igreja no mundo

Como o Santo Padre nos recorda na Carta Encíclica, “desde a era apostólica as comunidades cristãs organizaram-se para a prática do amor fraterno” [\[Deus Caritas est, 20-24\]](#).

Desde os sete diáconos escolhidos para o serviço das mesas (Act. 6,5-6) ou a prática de os cristãos porem tudo em comum na Igreja de Jerusalém (Act. 2,44-45), muitas foram, ao longo dos séculos, as formas organizadas da caridade: diaconias, ordens religiosas, irmandades, misericórdias. Todas tinham em comum serem um serviço que permitia à Igreja, enquanto comunidade, alargar os horizontes do amor fraterno. A organização da caridade fez, desde o início, parte do rosto visível da Igreja como comunidade organizada.

Os problemas da pobreza e da ajuda aos mais débeis é, hoje, responsabilidade da sociedade como um todo e, particularmente, dos Estados. Trata-se da promoção de modelos de sociedade que implementem a justiça e que percebam que o amor é a principal força da construção de uma sociedade justa. A Igreja não pode, nem quer, assumir sozinha essa luta pela justiça, mas colabora, através dos cristãos e das instituições de caridade organizada, nessa busca de uma sociedade mais justa e fraterna.

Convém lembrar, a este propósito, um lúcido texto da Encíclica “Deus é amor”:

“A Igreja não pode nem deve tomar, nas suas próprias mãos, a batalha política para construir a sociedade mais justa possível. Não pode nem deve colocar-se no lugar do Estado. Mas também não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça. Deve inserir-se nela pela via da argumentação racional, e despertar as forças espirituais, sem as quais a justiça, que sempre requer renúncias, não poderá afirmar-se nem prosperar. A sociedade justa não pode ser obra da Igreja; deve ser realizada pela política. Mas toca à

Igreja, e profundamente, empenhar-se a favor da justiça, trabalhando para a abertura da inteligência e da vontade às exigências do bem” [\[Deus Caritas est, 28\]](#)

Na nossa Igreja (diocesana) são hoje numerosas as instituições que corporizam esta organização da caridade, em nome da Igreja: a Caritas, as Misericórdias, os Centros Sociais Paroquiais, as conferências vicentinas, as Confrarias e novas organizações que procuram responder a problemas novos da sociedade contemporânea.

Estas estruturas comportam um **risco e encerram um desafio**.

O risco de se aterem a aspectos técnicos da assistência social; o desafio de todos os que nelas servem, terem uma vida cristã que lhes permita serem testemunhas do amor-caridade.

Em todas estas estruturas deve ser claro que o amor é o coração da Igreja.

“Por isso, é muito importante que **a atividade caritativa da Igreja mantenha todo o seu esplendor e não se dissolva na organização assistencial comum**, tornando-se uma simples variante da mesma”. Mas, então quais são os elementos constitutivos que formam a essência da caridade cristã e eclesial” (DCE 31)?

VI. O perfil específico da atividade caritativa da Igreja (DCE 31)

A partir do texto da Encíclica de Bento XVI, podemos enumerar alguns elementos constitutivos que formam a essência da caridade cristã e eclesial:

- A)** A caridade cristã é, em primeiro lugar, simplesmente a resposta àquilo que, numa determinada situação, constitui a necessidade imediata: obras de misericórdia (cf. Parábola do Bom Samaritano). Relativamente ao serviço que as pessoas realizam em favor dos doentes requer-se competência profissional aliada à formação do coração. As pessoas têm necessidade de humanidade, precisam da atenção do coração;
- B)** A atividade caritativa cristã deve ser independente de partidos e ideologias (riscos e erros do marxismo: sacrificar a pessoa no presente, em nome de um paraíso futuro (31); os cristãos são movidos apenas pelo amor de Cristo, que nos impele (II Cor.5,14; cf. DCE, 33)

- C) Além disso, a caridade não deve ser um meio, em função daquilo que hoje é indicado como proselitismo. O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor; O critério inspirador da sua ação: «O amor de Cristo nos constrange» (5, 14). É um trabalho «em comunhão com a Igreja, a fim de que o amor de Deus se espalhe no mundo» (DCE 33).
- D) Espírito de colaboração com outras instituições, sem esquecer que “a caridade, não se reduz a mera atividade”: “se não tiver amor, de nada me aproveitará” (I Cor.13,3).
- E) Trabalho humilde, como “servos inúteis” sem ter a pretensão de fazer tudo e sem cair no desânimo por não poder fazer nada; fazer o que é possível e, no resto, confiar-se humildemente ao Senhor;
- F) Importância da Oração (36) contra o activismo: O exemplo de Madre Teresa (37) «Quem não dá Deus, dá demasiado pouco» (cf. Mensagem para a Quaresma 2006);
- G) A fé, a esperança e a caridade caminham juntas; São Paulo diz que o importante é a “fé que actua pela caridade”

VII. Poderá alguma vez dispensar-se a Caridade?

Nenhum estádio avançado de justiça social dispensa a caridade. Ouçamos mais um texto de Bento XVI:

“O amor – Caritas – será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa. Não há qualquer ordenamento estatal justo que possa tornar supérfluo o serviço do amor. Quem prescinde do amor, prepara-se para se desfazer do ser humano enquanto ser humano. Sempre haverá sofrimento a precisar de consolação e ajuda. Sempre haverá solidão. Existirão sempre situações de necessidade material, para as quais é indispensável uma ajuda na linha de um amor concreto ao próximo. Um Estado, que queira prover a tudo e tudo açambarcar, torna-se, no fim de contas, uma instância burocrática que não pode assegurar o essencial de que o ser humano sofredor – todo o ser humano – tem necessidade: a amorosa dedicação pessoal. Não precisamos de um Estado que regule e domine tudo, mas de um Estado que generosamente reconheça e apoie, segundo o princípio de subsidiariedade, as iniciativas que nascem das diversas forças sociais e conjugam espontaneidade e proximidade às pessoas carecidas de ajuda. A Igreja é uma destas forças vivas: nela pulsa a dinâmica do amor suscitado pelo Espírito de Cristo. Este amor não oferece aos seres humanos apenas uma ajuda material, mas

também refrigério e cuidado para a alma – ajuda esta, muitas vezes, mais necessária que o apoio material. A afirmação de que as estruturas justas tornariam supérfluas as obras de caridade esconde, de facto, uma concepção materialista do ser humano: o preconceito segundo o qual o ser humano viveria «só de pão» (Mt. 4,4; cf. Dt. 8,3) – convicção que humilha a pessoa e ignora precisamente aquilo que é mais especificamente humano”[\[Deus Caritas est, 28\]](#).

Se o amor-caridade é uma força para a erradicação da pobreza e das desigualdades injustas, ele permanece, como expressão perene, em qualquer estágio de construção da sociedade, porque só a caridade faz “*a ponte entre o presente histórico e a eternidade*”.

Tudo passa, só a caridade é que jamais passará (I Cor.13,8).

SÍNTESE DA REFLEXÃO

- 1º. “Se não tiver amor, de nada me aproveita” (I Cor.13,3)! “A caridade é sempre algo mais do que mera atividade”! (DCE 34)
2. “Se não tiver amor, nada sou” (I Cor.13,2)! A falta de caridade esvazia não apenas as nossas ações, mas também a nossa própria existência.
3. “O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso” (I Cor.13, 4.7). A caridade não se identifica com as ações que a pessoa realiza, mas é algo anterior a elas, que as suscita e as acompanha. A caridade parece definir mais a pessoa que atua, do que a ação que realiza.
4. “A maior [entre as virtudes teológicas] é a caridade” (1Cor. 13,13). O caminho da maturidade cristã aponta para a caridade.
5. “Pois quem ama o próximo cumpre plenamente a Lei” (cf. Rom.13,8-10). O homem é imagem de Deus e atingirá a plenitude dessa qualidade quando, na sua vida relacional com Deus e com os outros, atingir a perfeição de comunhão, na gratuidade da caridade.
6. “A fé agindo (actuante) pela caridade” (Gal.5,6). A caridade não é um ingrediente acrescentado à fé, mas o elemento dinâmico da própria fé.

7. “O esforço da vossa caridade” (I Tes.1,3). É significativo que ao falar, pela primeira vez, da caridade São Paulo a apresente, ao lado da esperança e da fé, e a defina como um trabalho pesado, algo de «penoso» (kopos), que requer esforço, sem se confundir com mero sentimentalismo.
8. A caridade não se confunde nem se reduz a uma mera filantropia. A caridade vem de Deus, é participação no próprio amor de Jesus Cristo por nós, é obra do Espírito Santo...
9. Porque se trata, na caridade, de um dom do Espírito Santo, o sujeito da caridade é tanto a Igreja como cada cristão.
10. Como expressão pessoal, a caridade é o sinal, por excelência, da fidelidade do cristão!
11. “A Igreja não pode descurar o serviço da caridade, tal como não pode negligenciar os Sacramentos nem a Palavra” (DCE 22)!
12. “É muito importante que a atividade caritativa da Igreja mantenha todo o seu esplendor e não se dissolva na organização assistencial comum, tornando-se uma simples variante da mesma” (DCE 31).
14. “O amor de Cristo por todos, que nos impele” (II Cor.5,14)! Eis o critério inspirador da ação caritativa cristã:
15. “Tudo passa, só a caridade é que jamais passará” (I Cor.13,8). “O amor – Caritas – será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa. Não há qualquer ordenamento estatal justo que possa tornar supérfluo o serviço do amor. Quem prescinde do amor, prepara-se para se desfazer do ser humano enquanto ser humano” (DCE 28).

DCE = Encíclica de Bento XVI “Deus Caritas est” (trad. Deus é Amor)

Perguntas para reflexão:

1. Porque é que se designou o Hino à Caridade como “Magna Carta de todo o serviço eclesial? (DCE 34)”.
2. Qual o aspecto mais inovador ou surpreendente, a destacar da leitura e meditação do Hino à Caridade?
3. A caridade organizada, levada à prática pelo vosso grupo, aparece claramente, como expressão da missão da Igreja, enquanto comunidade de amor?
4. Qual é o maior risco que enfrenta, neste momento, a Caridade organizada, levada a cabo pelo vosso grupo? Caridade, pelo vosso grupo?
5. E qual o maior desafio?

Um outro Hino ao Amor

«Se eu tivesse em mim
todas as emissoras,
os palcos de rock do mundo inteiro,
os altares e cátedras
e os parlamentos todos, mas não tivesse Amor,
seria ... apenas ruído, ruído no ruído.

Se tivesse o dom de adivinhar
e o dom de encher os estádios
e de fazer curas milagrosas
e uma suposta fé, capaz de transportar
qualquer montanha,
mas não tivesse Amor,
eu seria apenas ... um circo religioso.

Se eu distribuísse,
em cabazes do Natal
e em badalados gestos caritativos,
os bens que ganhei - bem? mal?
, quem sabe? quem não sabe?-
e fosse até capaz de gastar a minha saúde
para ser mais eficiente, mas não tivesse Amor,
eu seria apenas ... imagem entre imagens.

Paciente é o Amor e disponível,
como um regaço materno.
Não tem inveja nem se vangloria.
Não procura tirar juros como os Bancos,
sabe ser gratuito e solidário, como a mesa da Páscoa.
Não pactua com a injustiça, nunca!
Faz a festa da Verdade.
Sabe esperar, forçando impertinente
as portas do futuro.

O Amor não passará, mesmo que passe
Tudo o que não é ele.
No entardecer da vida
O amor nos julgará.

Criança é a ciência e anda de gatinhas;
criança é a lei; o dogma, brinquedo.
O Amor já tem a idade sem idade de Deus.
Agora é um espelho a luz que contemplamos;
um dia será o Rosto, face a face.
Veremos e amaremos
como Ele nos vê e ama.

Agora são as três:
A fé, que é noite escura;
a pequena esperança, tão tenaz;
e ele, o Amor, que é o maior.
Um dia, para sempre,
para lá da noite e da espera,
será só o Amor»

DOM PEDRO CASALDÁLIGA

Bibliografia (além da já recomendada):

ANACLETO DE OLIVEIRA, *Um ano a caminhar com São Paulo*, Ed. Gráfica de Coimbra 2, 2008, 115-117

ANSELM GRÜN, *El himno al amor de San Pablo*, Ed. Sal Terrae, Santander, 2008

BENTO XVI, *Encíclica Deus é Amor*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2006

BRUNO MAGGIONI, *Ed Dios de Pablo y el Evangelio de la gracia*, Ed. San Pablo, Madrid 2008

CADERNOS BÍBLICOS (DIFUSORA BÍBLICA), N.13: São Paulo no seu tempo; N. 42: Carta aos Romanos; N.55: I Carta aos Coríntios; N.71: I Carta aos Tessalonicenses

JOSÉ MARIA BOVER, *Teología de San Pablo*, BAC, Madrid 2008

PAPA FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, A alegria do Amor, Ed. Paulinas, Ed. São Paulo 2016